



Uma Mostra de  
**Amor à  
Ilha**



**Janine Silva**  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Jornalismo UFSC  
2016.2

# guia de navegação





Clique nas opções para acessar as matérias diretamente ou navegue horizontalmente para ler em ordem



**Menino | Soltando  
Pandorga**  
*Argila policromada*  
*Sem data*  
**Foto:** Hans Denis /  
Acervo MARquE

# Para minha Floripa, com amor

*Nos 74 anos em que viveu, Franklin Cascaes testemunhou as transformações da cidade e usou seu talento e afeição para fazer um registro da vida na Ilha*

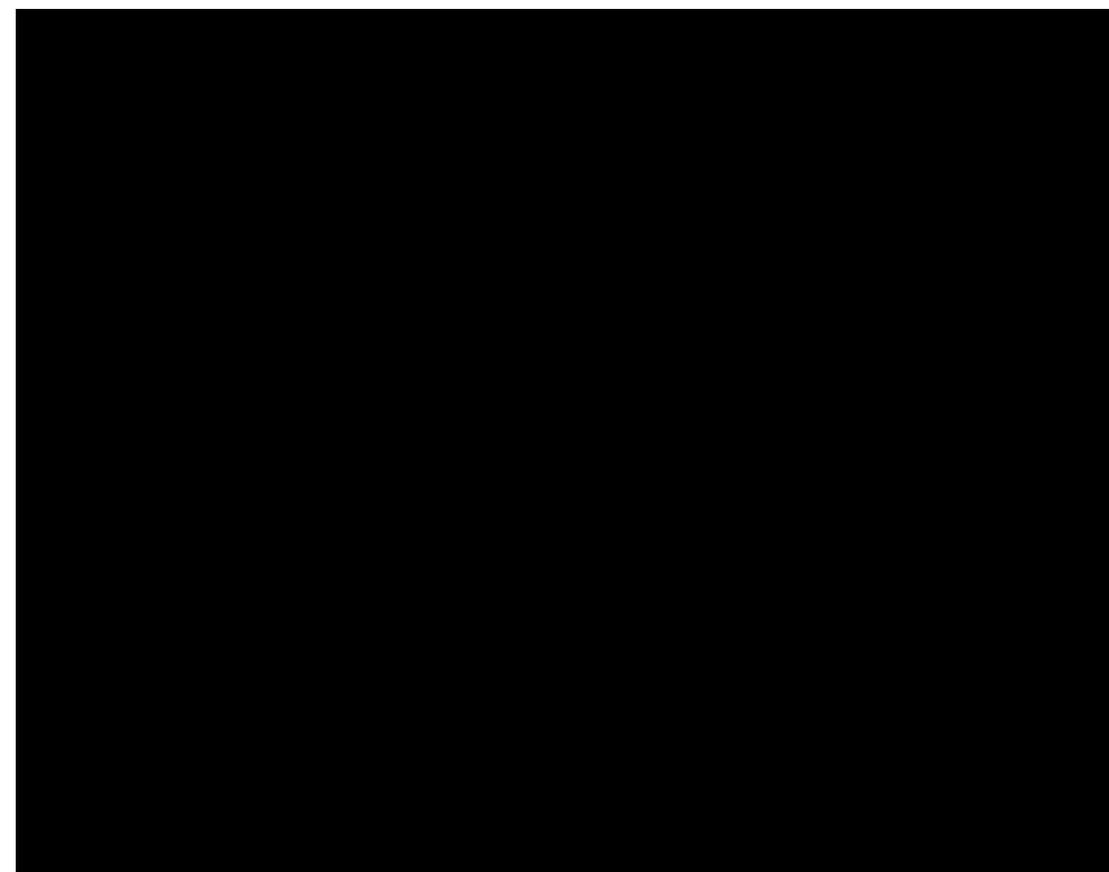
Foi em 16 de outubro de 1908, sob o olhar de uma figura de Santo Antônio emoldurada na parede, que nasceu Franklin Joaquim Cascaes, no bairro Itaguaçu, na época, pertencente ao município de São José. O mais velho dos 12 filhos do casal Maria Catarina e Joaquim Serafim Cascaes apresentou desde cedo gosto pelas artes, rabiscando papéis com carvão e moldando bonecos a partir do barro. Na juventude expressou o desejo de se tornar professor, mas seu pai o impediu, considerando mais importante que ele permanecesse em casa, ajudando no sustento da família. Por isso aprendeu todas as atividades de subsistência praticadas naquela época na Ilha, da agricultura à pesca. Passava muito tempo junto aos “jornaleiros” e, entre uma tarefa e outra, gostava de ouvir dos mais velhos os “causos”, as histórias de bruxas e as cantigas de origem açoriana. Construía, assim, os fundamentos do seu trabalho.

Os empregados da fazenda, chamados assim porque eram contratados por jornada de trabalho

A casa de seis janelas onde cresceu era o único resquício de uma antiga propriedade colonial que foi perdida

Ao decorrer do século XX, a capital catarinense passou de um vilarejo cuja economia dependia majoritariamente do comércio e da pesca a uma cidade universitária e destino turístico internacional. Esse processo alterou não só a paisagem de Florianópolis, mas também contribuiu para o agravamento das diferenças sociais. *(Veja o quadro ao lado).*

No tempo em que viveu, Cascaes viu o número de habitantes de Florianópolis aumentar quase seis vezes, passando de 32.229 pessoas na década de 1900 para 187.880 nos anos 1980, de acordo com dados do IBGE *(gráfico abaixo)*. Hoje estima-se que esse número seja de 477.798 habitantes. Durante seminário realizado no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC (MARquE) que discutiu a obra do artista, a professora do departamento de Ciências da Informação da UFSC e pesquisadora dos desenhos de Cascaes, Aline Carmes Krüger afirmou: “se ele visse a cidade hoje, ele ia ficar horrorizado”.



## De vila à Ilha da Magia

Em sua [tese de mestrado](#), Kellyn Batistela divide o processo de modernização da capital catarinense em duas etapas: a primeira entre 1900 e 1930 e a segunda após 1950.

### Pré- Modernização (1900 - 1930)

#### Um Sonhos Francês

A inspiração de uma nova Florianópolis vinha da então capital brasileira, o Rio de Janeiro. Os cariocas, por sua vez, baseavam-se na Paris da Belle Époque: cosmopolita, tecnológica e repleta de atrações culturais.

#### Obras

Durante o período da Primeira República, foram instalados alguns serviços básicos: abastecimento público de água (1906); distribuição de energia elétrica (1910): e rede de

### Progresso Acelerado (A partir de 1950)

#### Plano de Metas

Dessa vez a nova capital brasileira, Brasília, servia como modelo, assim como o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, que inspirou o Plano de Obras e Equipamentos catarinense.

#### Destino de Férias

Na economia, o governo reforçou o incentivo a atrações turísticas, já que a cidade não era industrializada e o porto estava prestes a ser desativado – o que

Foi ao observar as tradições e práticas que Franklin Cascaes, aos 38 anos, iniciou o registro mais sistemático da vida, o que se tornou mais sistematizado, o que se tornou de sua vida. Acompanhado por Elizabeth Pavan Cascaes, em 1944, viajava pela ilha com o objetivo de observar seus hábitos e costumes, especialmente dos costumes que ele aprendeu com Raimundo Caruso sobre o Pântano do Sul: "Eu fui dar muita tainha porque a minha esposa, com a minha senhora, certamente do Sul. Quando eles foram embora, ela ficou vaga. E pesquei como pai e filho, como arrastador de rede, em diversas ocasiões para eles. Essas viagens eram, principalmente, em canoas ou carroças alugadas. Uma Kombi comprada pelo casal."

Seu Francolino, como era conhecido, escrevia tudo em diários. Ao voltar para sua casa no Centro de Florianópolis, ele fez os costumes em desenhos e preparou para dar um retorno àquela ilha realizando a primeira exposição.



Franklin Cascaes esculpindo o rosto da esposa, a professora Elizabeth Pavan Cascaes  
**Foto:** Acervo MARquE

facil. Por muito tempo não expôs em públicos ou outras instituições, não tinha muitos registros. Elizabeth, além de ajudar a organizar a obra, era fundamental na hora de vender as obras. "Ela me ajudou muito na organização da obra. Ela guardava um registro de tudo aquilo e depois dizia: 'Bete, já dá para viajar e fazer uma exposição'. Ela era uma artista e uma artista Raimundo Caruso."

Com a companhia de Elizabeth, ele fez uma obra importante. Elizabeth faleceu deixando um legado em sua criação. De acordo com ele, quase sempre fazia duas versões de uma obra: o esboço e a obra finalizada. Ele guarda na sua produção artística: "A gente encontrou um registro de desenho quanto de 1971 e 1972, ele não conta. A gente percebe que ele fez uma obra. No verso de uma de suas obras ele escreveu: 'Quando esta minha querida Bete faleceu, eu senti uma dor e quanta desilusão gammana crua, que sou eu'."



Retrato de Peninha, pupilo de Cascaes sobre a Kombi do artista

Meses antes da morte da professora Elizabeth, em 8 de dezembro de 1970, Franklin Cascaes foi aposentado compulsoriamente. Um convênio entre a prefeitura de Florianópolis e a Universidade Federal de Santa Catarina permitiu que o artista integrasse a equipe do recém fundado Museu de Antropologia da UFSC, hoje Museu de Arqueologia e Etnologia (MARquE). Foi nesse momento que conheceu o estudante de História, Gelci José Coelho, o Peninha, que se tornaria seu pupilo.

Peninha admirava o trabalho de Cascaes desde criança, quando era levado pela família para ver o presépio que o artista montava todos os anos na Catedral de Florianópolis, mas nunca o havia encontrado pessoalmente. O novo museu buscava uma forma de atrair público e Peninha enxergou uma oportunidade de trabalhar com Franklin Cascaes e divulgar suas obras: uma exposição das tradições açorianas com um presépio em tamanho real em frente ao edifício. "Foi a primeira vez que a universidade foi literalmente invadida pela população", conta.

Foi Peninha também quem organizou uma série de contos escritos por Cascaes publicados em 1979 no livro *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* e que conseguiu apoio da Prefeitura Municipal para que o artista reali-

saiba mais

### *Franklin Cascaes*

Fundação Franklin Cascaes (2008)

Documentário realizado pela FFC em comemoração ao seu centenário de nascimento. Conta com depoimentos de amigos e pesquisadores, além de gravações do próprio artista. Disponível no [YouTube](#).

### *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*

Franklin Cascaes - Editora UFSC

Livro que reúne 24 histórias de bruxas escritas. A edição de 2012 da Editora da UFSC traz ainda uma análise da linguagem utilizada nos textos e um glossário das expressões populares.

### *O Balanço Bruxólico*

João Pedro Cardoso (2011)

Concebida em 2008 como trabalho de conclusão de curso e editada novamente em 2011, essa é uma animação baseada no conto homônimo escrito por Cascaes. Disponível no [YouTube](#).

# Memória transformada em Arte

*“Acho esse trabalho muito importante porque é preciso conhecer para amar. E uma nação que não conhece a raiz da sua história está muito aquém daquilo que ela devia ter como sua cultura.” - Franklin Cascaes*

**N**os quase 40 anos que dedicou ao registro das tradições açorianas, Franklin Cascaes reuniu diversas anotações, causos, depoimentos e recortes de jornais – materiais que viraram arte na forma de desenhos, esculturas e contos. Buscava criar uma “mitologia catarinense” e sua produção *bruxólica* contribuiu para a atribuição de uma nova identidade à Florianópolis – a Ilha da Magia –, que serve não apenas como atrativo turístico, mas também como forma de incentivar a preservação da herança cultural da cidade.

Mas a obra de Cascaes não se restringe às histórias de bruxas. No momento em que a capital catarinense passava por um processo de modernização, o artista registrou o cotidiano e a sabedoria popular, criticou o progresso que avançava sobre as belezas naturais da ilha, retratou manifestações religiosas, expressou sua própria solidão e, apesar de tratar majoritariamente das tradições açorianas, fez alguns registros da presença de negros e índios em Florianópolis.

Um exemplo dessa multiplicidade é o personagem **Boitatá**. A origem do mito é indígena e se refere a uma cobra de fogo (*Mboy* = cobra e *Tatá* = fogo). A aproximação



# Esculturas

**N**a coleção Elizabeth Pavan Cascaes, doada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC (MARquE) pelo artista, 392 esculturas representam figuras humanas ou de outra natureza em argila. Somadas a outros elementos usados na montagem de suas cenografias, totalizam 1707 peças que compõem os conjuntos escultóricos.

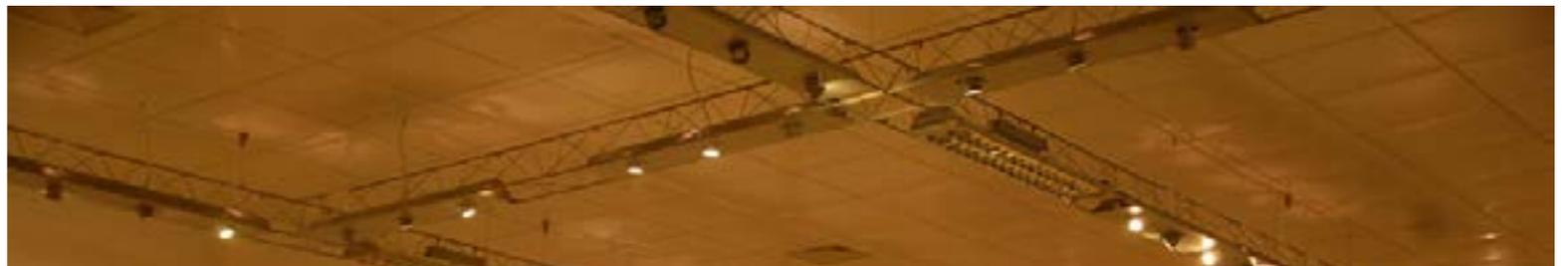
A diretora e restauradora do MARquE, Vanilde Rohling Ghizoni, participou do processo de restauro da coleção. Para ela, o uso de diversos materiais nas obras é uma das particularidades do artista:



Cascaes utilizava diferentes tipos de tintas comerciais - um outro problema para o trabalho de restauração - e não queimava suas esculturas, processo que transforma a argila em cerâmica, tornando-a mais resistente. Gelci José Coelho, o Peninha, conta porque a queima não acontecia: "Porque dava muito trabalho levar na olaria e ele não tinha preparo suficiente pra levar, porque se botasse no forno estourava tudo. 'Ah, mas o São Pedro lá da Igrejinha do Pântano do Sul é de terracota, os açorianos trouxeram. Tá lá inteiro até hoje' (dizia Cascaes), porque que a dele não pode ficar?"



**Menina indo  
descamar peixe**  
*Argila policromada*  
1978  
**Foto: Hans Denis /  
Acervo MARquE**



# Textos

Além das anotações que fazia em suas viagens pela Ilha presentes nos 22 cadernos grandes, 124 cadernos pequenos e nas 476 folhas avulsas ou agrupadas que compõem o acervo de sua coleção, Franklin Cascaes também escreveu crônicas e contos publicados em jornais e livros.

Nesses textos, mais uma vez, a temática se repete: a cultura açoriana, da pesca artesanal até as histórias de bruxas. Mas ao escrever, além de documentar os aspectos dessa tradição, o artista consegue também captar as particularidades do linguajar do ilhéu. 'Muitas' se transforma em *muntas*; uma 'viagem' torna-se uma *viage*; e 'assim', na boca do manezinho, vira *ansim*.

O texto abaixo é um trecho do conto Congresso Bruxólico, escrito em 1964 e publicado no livro O Fantástico na Ilha de Santa Catarina:

[...]

- *Primo Nicolau, vossa mecê acardita memo de vredade naquelas estória que o nosso povo lá das Lia dos Açori contavo pra nós como vredaderas?*

- *Ah sim! Acardito de verdade sim, minha prima! E inté agora me veio uma delas, no **bestunto** da minha cabeça, que eu acho ela memo muito inzata. Como tu bem sabes e vancês todos que tão aqui me osvindo, aquelas Lia dos Açori, de onde os nossos avós viero, foro sempre munto infestada por muié bruxa que robo embarcação pra mo'de faze viagem inté a Índia em quatro horas, dão nós nos rabos e crinas dos cavalo, chupo sangue de criancinha, intico c'as pessoas grande e pratico mil malas-arte.*

[...]

Além do dialeto açoriano, Cascaes também criou novas palavras em seus escritos, como *bruxólico* e *fadólico*. A origem desta última ele explicou em depoimento ao

## **Bestunto:**

*De Besta + -unto.*  
Cabeça; capacidade mental limitada; inteligência curta.

# Desenhos

**N**os desenhos, assim como nas esculturas, Cascaes retratava o cotidiano do manezinho, manifestações religiosas, a cidade, mas também fazia uso da ficção. É no papel que o artista revela sua imaginação e seu lado mitológico, ao retratar bruxas, criaturas mágicas e alegorias.

A coleção Elizabeth Pavan Cascaes, guardada pelo MARquE, contém 1179 desenhos em 944 suportes. Isso porque o artista costumava desenhar a frente e o verso do papel.

*Clique nas setas para descobrir as principais características dos desenhos de Cascaes*

O hibridismo – a mistura de seres ou de objetos e seres – é uma de suas características, como no desenho [Peixe Cachorra](#).



# Das mãos do artista aos olhos do povo

a coleção

*“Eu acho que o mais importante para que pudéssemos mostrar o acervo é construir um galpão grande, um galpão humilde, sem luxo, como é a própria obra. É assim que eu gostaria que estivesse.”- Franklin Cascaes*

**F**ranklin Cascaes imaginava o abrigo de sua coleção como uma construção simples e que permitisse o acesso de qualquer pessoa a seu trabalho e, assim, manter viva a memória açoriana. De acordo com Peninha, animador cultural e pupilo de Cascaes, o artista iniciou as obras de um galpão no Estreito, parte continental de Florianópolis, mas por uma emergência financeira teve que vender a construção e desistir do sonho.

Franklin continuou armazenando suas esculturas e desenhos num ateliê improvisado aos fundos de sua casa na rua Julio Moura, 31, no Centro da capital catarinense até que, em 1974, foi convidado a integrar a equipe do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O convite veio a partir dos esforços de Silvio Coelho dos Santos, então diretor do museu, que conseguiu realizar um convênio com a prefeitura municipal - na época comandada por Nilton Severo da Costa, ex-aluno de Cascaes - para levar o artista para a instituição.

Esse mesmo convênio possibilitou a viagem de Cascaes até a Ilha da Madeira em 1979, no Arquipélago dos Açores a fim de estudar a origem das tradições manezinhas



**Vizinho C com criança**

*Gesso policromado*

*Sem data*

**Foto:** Hans Denis /  
*Acervo MARquE*



Cascaes e o pintor Hassis no Museu, antes da construção da reserva técnica. É possível observar as esculturas armazenadas na vertical na parte de trás da imagem

**Foto:** Acervo MArquE



Antigo Instituto de Antropologia, no fim da década de 1960

**Foto:** Acervo MArquE

Foi a reforma universitária de 1970 que transformou o Instituto de Antropologia, fundado em 1965, em Museu. A mudança de nomenclatura tornou obrigatória a exposição do acervo à comunidade e, para isso, três salas de aulas do prédio de 480m<sup>2</sup> localizado ao lado do Centro de Filosofia e Ciências Humanas foram transformadas em salas de exposições.

Com o espaço recém-criado, eram poucos os conhecimentos sobre a forma mais apropriada de se conservar criações delicadas como as de Cascaes. As esculturas eram **guardadas em prateleiras sem proteção** e na vertical, o que facilitava a queda e quebra dos itens. As obras estavam sempre à disposição do público para visitaçã, num ambiente não controlado, acelerando o processo de desgaste.

Além disso, o artista utilizava materiais na construção dos cenários que contribuíam para o desgaste de seus conjuntos escultóricos, como explica Vanilde Rohling Ghizoni, restauradora e diretora do Museu da UFSC: “Quando estavam no outro espaço do Museu, nessas exposições de longa duração, elas tinham uma cenografia com areia, com palha, com não sei o que. Só que tem coisas que hoje se a gente colocar, vamos dizer assim, vai degradar esses materiais. Então é até um desafio de como expor a partir do que o artista produziu”.

Desde a década de 1970 a instituição passou por algumas transformações. Em 1993 tornou-se Museu Universitário Oswaldo Rodrigues. Ainda nos anos 1990, a maior parte do acervo deixou as salas com piso de madeira, janelas venezianas e telhado de amianto sem forro para ser armazenada em reservas técnicas: ambientes planejados para a preservação do patrimônio museológico. Nesses lugares há controle de temperatura, umidade e mobiliário adequado para acomodar e cuidar dos itens da coleção



**Detalhe de uma das esculturas restaurada em 2011**  
**Foto: Vanilde Ghizoni / Acervo MARquE**

*Cascaes no MARquE* interrompe um período de seis anos sem a apresentação de itens da coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes ao público. Isso porque Franklin Cascaes utilizava materiais frágeis na confecção de suas esculturas e desenhos (argila sem queima, variados tipos de papel e tintas comerciais), que se deterioram com facilidade.

A diretora e restauradora do MARquE, Vanilde Rohling Ghizoni, coordenou, em 2011, o processo de reparo dos conjuntos escultóricos de Cascaes, que apresentavam desgaste natural dos materiais e também fraturas causadas pelo armazenamento inadequado. Essas quebras, conta Vanilde (áudio abaixo), ocorreram principalmente quando os itens estavam no ateliê de Cascaes - na casa da rua Julio Moura - e as figuras eram consertadas pelo próprio artista ou seus empregados:



Após as restaurações necessárias, o objetivo da equipe do MARquE é conservar o acervo para evitar novos reparos, como explica Lucas Figueiredo Lopes, coordenador da divisão de museologia da instituição: "Toda vez que faz uma intervenção, tu perdes a característica original da peça. E em termos de testemunho histórico, tá perdendo ali parte desse testemunho. Então, hoje em dia, a premissa é intervenção mínima."

Por conta da fragilidade da coleção, a exposição *Cascaes no MARquE*, inaugurada em 20 de maio deste ano, foi

Cada conjunto (de esculturas) representa um livro e cada figura uma página. Portanto, se vender uma figura arrancarei uma página do livro, e um livro com falta de uma página, apresentar-se-á trincado.



Para realizar uma exposição como *Cascaes no MARquE* é necessário um trabalho que, em sua maior parte, é invisível aos olhos do público: da escolha da temática que optou por trazer outras facetas do artista além de sua produção bruxólica, até a preparação das obras e criação da identidade visual da mostra. Confira na galeria de imagens algumas etapas desse processo.

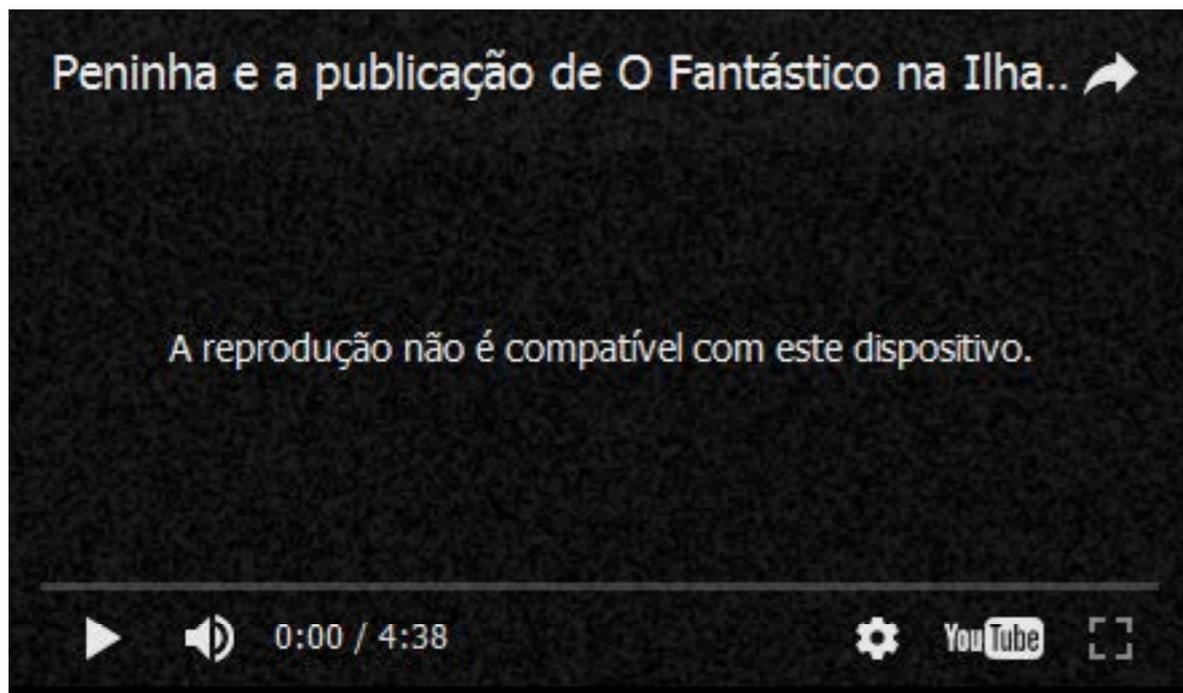
11/16



As faixas com textos e falas de Cascaes foram penduradas em vários pontos da sala como uma forma a mais de inserir os visitantes no universo do artista e de guiá-los pelos três momentos da exposição.

Foto: Janine Silva

# Peninha, o discípulo de Cascaes



**G**elci José Coelho cresceu próximo à família de Cascaes, brincando com seus sobrinhos e passando as férias de verão na casa da irmã do artista. Apesar disso, seus caminhos só se cruzaram na década de 1970, quando o folclorista foi convidado a trabalhar no recém-criado Museu de Antropologia e teve como assistente o jovem estudante de história com uma inclinação para arte, agora conhecido como Peninha.

Além de aprendiz, Peninha foi amigo de Cascaes, incentivando as empreitadas artísticas do mestre e buscando formas de expandir e divulgar seu trabalho, como a viagem ao Arquipélago de Açores e a publicação do livro de contos escritos por seu mestre, *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Foi também fundamental para que a coleção Elizabeth Pavan Cascaes fosse doada ao MARquE.

Peninha, que atua como animador cultural, foi diretor do Museu entre 1996 e 2008, e ainda hoje se dedica a manter viva a herança deixada por Cascaes.

Quando pequeno, você conviveu com sobrinhos de Cascaes, mas só o encontrou na universidade. Como era sua relação com a família dele e como conheceu o artista?



Na sua obra, o que é herança do Cascaes?



Na série de entrevistas que concedeu ao jornalista Raimundo Caruso em 1981, Cascaes critica a falta de interesse, principalmente do poder público, em manter vivas as tradições da Ilha. Qual a importância dele para que haja um movimento de resgate da cultura açoriana?



*Uma mostra de amor à  
Ilha*

## *Expediente*

**Concepção, reportagem, texto,  
diagramação e edição**

Janine Silva

**Orientação**

Rita de Cássia Romeiro Paulino

**Colaboradores**

Flora Bazzo Schmidt , Lucas Figueiredo  
Lopes, Luciano Patrício Souza de Castro  
e Vanilde Rohling Ghizoni

**Imagens**

Acervo MARquE, Hans Denis e  
Janine Silva

**Identidade Visual**

Laboratório Sigmoid/UFSC

*Essa revista é parte integrante de **Cascaes no MARquE: Jornalismo para Plataformas Móveis**, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Projetos Experimentais, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina no segundo semestre de 2016.2*